

# SONHO DE LIBERDADE: A CRIAÇÃO DE UM VIDEOCLÍPE NO CASE-SM

*DREAM OF LIBERTY: MUSIC VIDEO CREATION AT CASE-SM*

*SUEÑO DE LIBERDAD: CREACIÓN DE VIDEOS MUSICALES EM EL CASE-SM*

JOÃO PEDRO WIZNIEWSKY AMARAL<sup>1</sup>

RAFAEL SALLES GONÇALVES<sup>1</sup>

THOMÁS DALCOL TOWNSEND<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS-Brasil

**RESUMO** A criação em audiovisual pode ter impactos positivos na socioeducação, além de melhorar o desenvolvimento individual e social de jovens em conflito com a lei. Este artigo é uma pesquisa-ação oriundo dessa premissa. Dinamizado em julho de 2019 no Centro de Atendimento Socioeducativo - Santa Maria/RS (CASE-SM), com um grupo de onze jovens, o objetivo desta pesquisa-ação foi criar um videoclipe original em que os meninos participassem ativamente de todas as fases da produção: criação e gravação da música, escrita do roteiro e gravação do videoclipe. No referencial teórico, além da legislação brasileira, nos baseamos em estudos de Libâneo (1994), Postic (1993) e Freire (2011) sobre criação e imaginário numa educação ética e estética; conceituação de Bisinoto *et al* (2015) sobre socioeducação; artigos de Barbosa e Santos (2014) e Fresquet (2017) sobre a importância do audiovisual na educação; e pesquisas de Fernandes e Rodrigues (2018) e Paiva e Marques (2019) sobre as relações do gênero rap com a sociedade contemporânea. Através da criação do videoclipe Sonho de Liberdade e de acordo com entrevistas com funcionários do CASE-SM, notamos que os participantes da pesquisa-ação apresentaram uma melhora tanto no desempenho escolar quanto em nível pessoal, como o aumento de autoestima, autoconfiança, atenção e capacidade de empatia.

**PALAVRAS-CHAVE:** SOCIOEDUCAÇÃO; VIDEOCLÍPE; CASE; AUDIOVISUAL; RAP.

**ABSTRACT** Audiovisual creation can have positive impacts on socio-education and improve personal and social development of juveniles in conflict with the law. This paper is an action research based on this premise. Carried out during in July 2019 with eleven juveniles in conflict with the law at the Centro de Atendimento Socioeducativo - Santa Maria/RS (CASE-SM), the general objective of this action research was to have them create an original music video, in which they could actively participate in all stages of the production

process: song creation and recording, script writing and video shooting. In the theoretical framework, besides analyzing elements of the Brazilian legislation, we use studies by Libâneo (1994), Postic (1993) and Freire (2011) on creation towards an aesthetic and ethic education; Bisinoto *et al's* (2015) conceptualization of socio-education; papers by Barbosa & Santos (2014) and Fresquet (2017) on the audiovisual importance on education; and recent research on rap relationship with contemporary society, by Fernandes & Rodrigues (2018) and Paiva & Marques (2019). Through the creative process and interviews conducted with CASE-SM employees, we have noticed that the research participants have shown an improvement in their school performance, as well as on a personal level, such as increasing their self-esteem, self-confidence, attention and capacity for empathy.

**KEYWORDS:** SOCIO-EDUCATION; MUSIC VIDEO; CASE; AUDIOVISUAL; RAP.

**RESUMEN** La creación audiovisual puede tener impactos positivos en la socioeducación y mejorar el desarrollo individual y social de los menores en conflicto con la ley. Este artículo es una investigación-acción en base a esta premisa. Llevada a cabo durante julio de 2019 con once menores en conflicto con la ley en el Centro de Atendimento Socioeducativo - Santa Maria/RS (CASE-SM), el objetivo general de esta investigación-acción fue crear un video musical, en el que los juveniles pudieran participar activamente en todas las etapas de producción: creación y grabación de música, escritura de guion y grabación del video. En el marco teórico, además de la legislación brasileña, nos basamos en estudios de Libâneo (1994), Postic (1993) y Freire (2011) sobre la creación y la imagería en una educación ética y estética; Bisinoto *et al* (2015) concepto de socioeducación; artículos de Barbosa y Santos (2014) y Fresquet (2017) sobre la importancia del audiovisual en la educación; y investigaciones de Fernandes y Rodrigues (2018) y Paiva y Marques (2019) sobre las relaciones del rap con la sociedad contemporánea. A través del proceso creativo y las entrevistas realizadas con los empleados de CASE-SM, hemos notado que los participantes han mostrado una mejora en su rendimiento escolar, así como a nivel personal, como aumentar su autoestima, confianza en sí mismos y atención. y capacidad de empatía.

**PALABRAS CLAVE:** SOCIOEDUCACIÓN; VIDEO MUSICAL; CASE; AUDIOVISUAL; RAP.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa-ação conduzida em julho de 2019 com onze jovens em conflito com a lei no Centro de Atendimento Socioeducativo - Santa Maria (CASE-SM), no estado do Rio Grande do Sul. A partir das ações do Estúdio de Criação, projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que promove oficinas de apreciação e criação em audiovisual, o objetivo geral deste estudo foi criar um videoclipe original com um grupo de internos do CASE-SM, em que eles participassem ativamente de todas as fases da produção – criação da música, gravação da música, escrita do roteiro e gravação do videoclipe. Além do mais, pretendemos desenvolver o letramento audiovisual através da análise de videoclipes; propor novas atividades pedagógicas no campo da (socio)educação; ressignificar o uso de tecnologias como uma ferramenta de produção artísti-

ca; e discutir como a arte, em especial o audiovisual, pode impulsionar a ressocialização de jovens em conflito com a lei. Para tanto, partimos da assertiva que a criação em audiovisual pode ter impactos positivos na área da socioeducação e melhorar o desenvolvimento individual e social de jovens em conflito com a lei.

O videoclipe produzido pelo grupo de onze internos recebeu o título de *Sonho de Liberdade*. A obra foi idealizada a partir de encontros diários durante duas semanas de recesso de inverno da Escola Estadual Humberto de Campos (escola pública localizada dentro do CASE-SM). Tanto na narrativa visual quanto na letra da música, esta do gênero rap, os autores relatam suas angústias, dificuldades e a rotina de quem está cumprindo medidas socioeducativas.

Como este trabalho foi desenvolvido com um grupo de jovens, tomamos os procedimentos éticos necessários para a realização da pesquisa. Para tanto, todos estavam cientes da pesquisa, e tivemos uma autorização da direção do CASE-SM, bem como da direção da escola Humberto de Campos. Além do mais, tivemos a anuência do procurador de Justiça de Defesa da Infância e Juventude da região de Santa Maria.

Desde as primeiras ações do Estúdio de Criação, em 2016, notamos um grande interesse dos estudantes do nível fundamental e secundaristas em um ensino mais reflexivo, crítico e, sobretudo, criativo. A motivação dos jovens aumenta significativamente quando eles são instigados a realizar alguma atividade em que possam colocar suas próprias vozes. Assim, vemos, através do audiovisual e do cinema, um dispositivo completo para ser inserido no contexto de sala de aula. E hoje em dia, cabem poucas escusas para não usá-los. A tecnologia para gravação de vídeos está mais acessível do que nunca: qualquer *smartphone*, por exemplo, possui a funcionalidade de câmera.

Para José Carlos Libâneo (1994), a educação, de modo geral, deve ser criticamente formativa:

[...]a inserção no trabalho e o exercício da cidadania participativa requerem sujeitos autônomos, criativos, capazes de pensar com sua própria cabeça. Destaca-se, portanto, o investimento na formação de sujeitos pensantes (formação do pensar, de atitudes, de valores, de habilidades) implicando estratégias interdisciplinares de ensino para desenvolver competências do pensar e do pensar sobre o pensar (LIBÂNEO, 1994, p. 37).

Entendemos que a arte é uma das melhores ferramentas didáticas para esse tipo de ensino que forma alunos mais críticos, pensantes, atuantes, autônomos, proativos e cooperativos. Marcel Postic (1993, p. 13) apresenta as relações do imaginário no social e na arte: “tudo é possível. Tudo acontece. Na vida artística, imaginar é um ato criador. Na vida cotidiana, imaginar é uma atividade paralela à ação que exercemos ligada à realidade. A imaginação é um processo. O imaginário é seu produto”. Complementando essa premissa, porém referindo-se especificamente ao cinema, Adriana Pelizzari (2002) reforça que essa modalidade artística possui potencial didático na formação: “[o cinema] tem vantagens notáveis, tanto do ponto de vista do enriquecimento da estrutura cognitiva do aluno como do ponto de vista da lembrança posterior e da utilização para experimentar novas aprendizagens” (PELIZZARI *et al.*, 2002, p. 39).

A atividade artística é um processo importante a ser trabalhado com todos os alunos porque a promoção de atividades artístico-culturais está intimamente ligada aos fundamentos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Exemplos disso são assegurar ao educando a formação comum para o exercício da cidadania, “fornecer-lhe meio para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996), além de difundir “valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática” (BRASIL, 1996).

Incluir o audiovisual como proposta didática, todavia, não é uma ação exclusiva de uma educação formal. É evidente que, ao trabalhar com ações criativas em audiovisual com jovens privados de liberdade, cumprindo medidas socioeducativas, os recursos materiais e espaços físicos são reduzidos. Entretanto, a partir de planejamento e organização de uma proposta consistente, podemos, com efeito, implementar atividades do gênero. Ressaltamos ainda que para esse público marginalizado, uma educação criativa e libertária é extremamente importante e necessária, uma vez que a arte tem o poder de desenvolver um senso estético, ético e social. Justamente o que se espera desses jovens.

Ao terem suas vozes projetadas em uma obra artística, a responsabilidade - individual e social - está embutida nela. De acordo com Paulo Freire (2011), a ética e a estética não podem ser isoladas na educação. “A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética” (FREIRE, 2011, p. 34). Maria Carmen Barbosa e Maria Angélica dos Santos (2014) justificam a importância da inserção do audiovisual no contexto escolar, pois isso aproxima provocações em relações a conteúdos programáticos transversais da realidade escolar.

Na maioria das vezes, produções audiovisuais são usadas em sala de aula apenas como uma forma de complementar do processo de ensino/aprendizagem de um conteúdo específico. Seja através de uma videoaula no YouTube, um episódio do telecurso 2000, um documentário ou um filme, o audiovisual geralmente é um apêndice usado para fins específicos de determinadas disciplinas, como ferramenta didática. Assim, aulas de análise e alfabetização audiovisual são menos comuns do que do uso do audiovisual como algo complementar. Talvez isso aconteça pela crença ou pela pressuposição de que os alunos já dominam os elementos de análise dessa modalidade artística. Por exemplo, é muito mais corriqueiro usar trechos do filme *2001: Odisseia no Espaço* como uma forma de complemento da disciplina de História, Geografia ou até Biologia, para ilustrar a evolução do planeta; porém, raramente os elementos técnicos e estéticos da produção do filme são abordados de forma independente.

Sob essa perspectiva, pensando na criação em audiovisual por parte dos alunos, essa atividade é menos presente na escola. Ainda assim, há casos de propostas de culminância de algum conteúdo em que alunos podem criar um vídeo sobre determinado assunto.

Não vemos o uso do audiovisual desse modo como um problema. Entretanto, acreditamos que o audiovisual tem um potencial para ser mais que um figurante na área da educação. Como ele está atrelado à área de artes, essa modalidade compete com outras (dança, pintura, escultura, por exemplo) em períodos reduzidos. Por isso, precisamos evoluir no sentido de oferecimento na escola de aulas sobre letramento, análise estética e criação em audiovisual. Uma possível alternativa seria aumentar a carga horária ou até mesmo criar

uma disciplina específica para o audiovisual. Adriana Fresquet, referindo-se especificamente ao cinema, argumenta que “a pedagogia do cinema é caracterizada pelo modo de aproximação ao objeto. Essa aproximação deverá priorizar sempre um modo criativo, dado que o cinema se trata de um objeto vivaz e indócil”. (FRESQUET, 2017, p. 56). Uma aula nesse sentido seria, pois, muito atrativa para crianças e adolescentes.

A alfabetização audiovisual é extremamente importante para o mundo que vivemos. Cada vez mais estamos expostos a novos tipos de linguagens, com o surgimento de diferentes modalidades. Consequentemente, a escola precisa entender essa realidade e garantir um processo de ensino/aprendizagem que em providencie ferramentas para que alunos possam fazer uma efetiva leitura desses gêneros multimodais. Assim, o audiovisual, como uma expressão artística multimodal mostra-se relevante para a formação de um cidadão, implica em sensibilização estética e em reflexão de elementos éticos, ao nos fazer entender os efeitos que conteúdo e forma podem gerar. Ademais, exercícios de criação em audiovisual proporcionam a vazão para a criatividade (prática de relação entre diferentes saberes), autonomia, proatividade e trabalho colaborativo dos alunos. Enfim, uma experiência pedagógica como essa, pode ensinar “para além dos conteúdos e dos muros da escola” (FRESQUET, 2017, p. 61).

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE, 2011, p. 15)

Esta pesquisa-ação, apesar das limitações do ambiente em que foi dinamizada, é uma forma de propor atividades que ultrapassem limites estanques dos conteúdos, dos muros e das grades. Pensamos que ações de letramento e criação em audiovisual devem ser protagonistas na educação, posto que a arte e o audiovisual pode nos preparar para – ou até mesmo antecipar – determinadas situações na vida em sociedade. Ainda, referindo-nos especificamente à área da socioeducação, uma atividade de criação artística é sinônimo de empoderamento e ressocialização.

## **ESTÚDIO DE CRIAÇÃO: DA EXTENSÃO AO ENSINO E À PESQUISA**

O famoso tripé universitário ensino/pesquisa/extensão não é simétrico, e sua perna menos robusta é justamente a extensão. Levando em conta a carga horária das disciplinas das grades curriculares de todos os cursos de graduação e pós-graduação, é evidente que há uma priorização ao ensino: em muitas universidades, inclusive, as atividades de extensão, não são sequer oportunizadas em cursos de graduação. Agora, tomando o exemplo da Universidade Federal de Santa Maria, quando comparamos os projetos de pesquisa e de extensão, também percebemos uma grande assimetria. Em dezembro de 2020, a universidade contava com 33010 projetos de pesquisa, ao passo que tinha 11422 projetos de extensão.

Outro fator que influencia esse desequilíbrio é a ordem cronológica do surgimento de cada elemento. Ora, a instituição universidade originou-se devido à demanda e à oferta de uma formação educacional. Portanto, o ensino é a pedra fundamental da universidade. Em seguida, com a necessidade da instituição em promover ações para a produção de conhecimento, surgiu a pesquisa. Por fim, a extensão aparece como uma forma de ampliar ações de ensino e pesquisa para atingir a comunidade externa. Desse modo, a extensão pode ser considerada a filha caçula da universidade.

Batalha *et al* (2013, p. 142) explicam que “a extensão surgiu na Inglaterra do século XIX, com a intenção de direcionar novos caminhos para a sociedade e promover a educação continuada. Nos dias atuais, surge como instrumento a ser utilizado pela Universidade para a efetivação do seu compromisso social”. A extensão universitária, assim, assume um caráter assistencialista, pois visa conectar a universidade com a comunidade externa.

A extensão universitária, todavia, a despeito dessa assimetria, exerce uma função muito importante para a universidade e para a sociedade. É ela que conecta e coloca em prática ações resultantes de atividades de pesquisas, além de articular, ampliar e popularizar saberes desenvolvidos através do ensino. De acordo com Batalha *et al* (2013), a extensão universitária exerce um papel essencial

[...] no que se diz respeito às contribuições que pode trazer frente à sociedade. É preciso, por parte da Universidade, apresentar concepção do que a extensão tem em relação a comunidade em geral. Colocar em prática aquilo que foi aprendido em sala de aula e desenvolvê-lo fora dela. A partir do momento em que há esse contato entre o aprendiz e a sociedade beneficiada por ele, acontece por parte dos dois lados, benefícios. Aquele que está na condição do aprender acaba aprendendo muito mais quando há esse contato, pois torna-se muito mais gratificante praticar a teoria recebida dentro da sala de aula. Esse é o conceito básico de extensão (BATALHA *et al*, 2013, p. 142)

Em consonância a essa explicação, Audemaro Goulart (2004), afirma que a importância da extensão universitária

[...] é que a comunidade se torna ativa, tornando-se protagonistas no contexto universitário, de produção de conhecimento, agindo ativamente, crítica e participativa. Uma forma de integração e aumento da área da atuação. O certo, porém, é que elas, nessa perspectiva do aprender a aprender, estarão formando cidadãos conscientes, sujeitos que se inserem no mundo da cultura, sabendo fazer a leitura inteligente de todos os seus fenômenos (GOULART, 2004, p. 72)

Portanto, os efeitos positivos das atividades extensionistas não impactam apenas quem participa delas, mas também os proponentes. A extensão, portanto, funciona como uma via de mão dupla, visto que suas ações que atingem a comunidade externa podem ser fontes de novas ideias de pesquisas ou até mesmo uma forma de repensar e refletir sobre metodologias de ensino e práticas didáticas. Acreditamos que, por esse motivo, a extensão deveria ser mais valorizada nas universidades. Se formos nos aprofundar na análise do tripé, as três pontas devem funcionar de forma equânime e em equilíbrio, a fim de uma consolidação harmônica.

Engana-se quem pensa que a extensão universitária não tem relação com a pesquisa e com o ensino. “É preciso considerar que a extensão é um mecanismo da aprendizagem, por isso mesmo ligada, indissociavelmente, ao ensino e à pesquisa” (GOULART, 2004, p. 71). As atividades extensionistas ampliam o escopo da atuação universitária, gerando novas possibilidades, dinâmicas, ideias e atmosferas de pesquisa e de ensino. A própria imagem do tripé universitário, por exemplo, é “um reconhecimento de que o ensinar e o aprender pressupõem, necessariamente, o trabalho de investigação e a presença do aprendiz no mundo em que ele está inserido” (GOULART, 2004, p. 61).

As relações entre pesquisa e extensão vão além da ampliação da área de atuação da universidade. A extensão – tal qual a pesquisa – tem a ver com produção de conhecimento, uma vez que as ações são processuais e devem ser planejadas a partir de reflexões teóricas. Por fim, essas ações podem resultar em *corpus* para novas discussões. Elas se retroalimentam. As atividades de extensão são ao mesmo tempo a materialização e a matéria-prima da pesquisa.

A retroalimentação e a complementaridade acontecem também entre extensão e ensino. Ora, os processos de ensino/aprendizagem devem ir além dos muros da universidade, tendo impacto pragmático na formação de um cidadão íntegro com funções sociais específicas, a partir de sua especialização. Assim, as atividades de extensão simbolizam o conhecimento e as inter-relações de saberes colocadas em práticas, ampliadas e expandidas.

Ao levantar o debate sobre a extensão direcionada para a promoção dos direitos humanos, pensamos que tais ações extensionistas são de extrema relevância para a sociedade. Primeiramente, a comunidade a ser beneficiada com ações vinculadas à promoção dos direitos humanos está à margem da sociedade, estigmatizada negativamente e em vulnerabilidade social: isto é, a parte da sociedade que mais necessita de ações como esta. E a extensão é o elemento que mais facilmente permite dialogar com essa parcela da sociedade. Ademais, a promoção dos direitos humanos é um compromisso da universidade com o estado de direito e com princípios democráticos. Portanto, entre as ações extensionistas mais urgentes a serem propostas nas universidades estão aquelas cuja temática gira em torno da promoção de uma sociedade mais igualitária, através da (socio)educação e do combate à repressão política, ao totalitarismo, à xenofobia, ao racismo, à pobreza extrema, à intolerância religiosa, às violações de direitos da comunidade LGBTQI+, à privação de liberdade e à escravidão, por exemplo.

Nesse contexto de buscar incentivar projetos de extensão universitária, surge o Estúdio de Criação, um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que realiza ações de letramento e criação em audiovisual na cidade de Santa Maria (RS), focadas em alunos de escola pública da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Vinculado à TV Campus, emissora de televisão da UFSM, o projeto foi criado em 2016 e está em atividade até hoje.

Realizamos as primeiras ações do Estúdio de Criação no Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac, uma escola pública de Santa Maria. Em 2016, trabalhamos com três turmas do 7º ano do Ensino Fundamental. A partir de oficinas de análise e apreciação de produções audiovisuais, os alunos escreveram microcontos de terror e, posteriormente, cada turma escolheu os dois melhores para serem transformados em roteiros. Os autores dos contos selecionados foram os diretores, e o resto da turma se dividiu em funções de produção, de maquiagem

e de atuação. Ao total, os alunos das três turmas gravaram seis curtas-minuto de terror (AMARAL; GONÇALVES, 2017). A culminância do projeto nesse ano foi o FEBIC (Festival Bilaciano de Curtas), evento organizado pelos participantes do projeto. No salão da escola, com o apoio da equipe diretiva e dos professores, os estudantes exibiram suas produções para a comunidade escolar. Ainda, ao estilo da cerimônia dos *Oscars*, houve a premiação de troféus em categorias técnicas, com a avaliação de um júri especializado.

No ano de 2017, dinamizamos o projeto em três turmas do 3º ano do Ensino Médio da mesma escola. Utilizamos aqui uma metodologia criada por nós, chamada de Baralho de Personagens (AMARAL; GONÇALVES; TOWNSEND, 2019). Mais uma vez, começamos nossas ações com oficinas de apreciação e análise audiovisual. Em um segundo momento, diferentemente do ano anterior, propusemos que cada aluno criasse uma personagem original. Depois de uma avaliação feita por uma professora de literatura, que levou em conta critérios como originalidade e complexidade, três personagens em cada turma foram selecionados para, em um outro desafio criativo, figurassem em uma mesma narrativa. A partir dessas três, cada turma elaborou um roteiro coletivamente através de uma tempestade de ideias e, por fim, os estudantes dividiram-se naturalmente em funções de direção, roteiro, produção e atuação.

Os curtas produzidos em 2017 pelas turmas chamam-se *Linhas Tortas*, *O Candidato* e *Tudo pela Vingança*. Igualmente ao ano anterior, os alunos organizaram a segunda edição do FEBIC. No entanto, dessa vez o festival ocorreu em um auditório fora da escola, na região central da cidade, gratuito e aberto para toda a comunidade santa-mariense.

Desse modo, considerando suas práticas e as reflexões decorrentes do Estúdio de Criação, embora tecnicamente o projeto seja de extensão, ele também pode ser considerado um projeto de ensino e de pesquisa. Ora, o projeto promove oficinas de letramento e criação em audiovisual, atuando assim, no ensino. Outrossim, na medida em que se propõe a investigar determinada realidade para, então, propor estratégias para melhorar as práticas de ensino/aprendizagem, o Estúdio de Criação também opera no campo da pesquisa.

Léa Sholl (apud Teves, 1992, p. 105) discorre sobre a consequência de trabalhos criativos que ultrapassam os muros da escola: “quando a escola tenta recuperar a sua dimensão de produzir bens de sentidos, os estudos teóricos e práticos sobre o imaginário social poderão abrir um outro campo para a análise dos problemas educacionais”.

Com resultados e impactos positivos e bem sucedidos dessas duas primeiras edições do projeto, em 2018 o Estúdio de Criação teve visibilidade nacional ao vencer o 11º Prêmio Professores do Brasil, na categoria melhor proposta pedagógica para Ensino Médio da região Sul do Brasil. Essa projeção nos possibilitou ampliar as ações do projeto: além de continuar as oficinas no I. E. E. Olavo Bilac, ministramos oficinas de formação de professores, gravamos um documentário sobre as ações, participamos de aulas sobre documentários em outras escolas públicas da cidade e firmamos um convênio com o Observatório de Direitos Humanos (ODH) da UFSM.

O ODH visa promover a cidadania e a cultura dos Direitos Humanos, englobando grupos populacionais em situação de vulnerabilidade social. Foi a partir dessa parceria que começamos a dinamizar ações no CASE-SM, em 2018, e continuá-las em 2019, com esta pesquisa-ação.



A parceria entre o Estúdio de Criação e o Observatório de Direitos Humanos da UFSM nos impeliu a criar a presente pesquisa-ação, conduzida com 11 internos do local. Em 2018, nossa primeira vez trabalhando com os jovens no CASE-SM, realizamos encontros semanais intercalando dois grupos de, em média, 6 meninos. Com uma metodologia similar à primeira edição do Estúdio de Criação no I. E. E. Olavo Bilac, gravamos dois filmes de ficção com dois grupos de meninos. Um do gênero terror, intitulado *Dormitório 19*, e outro de comédia, *Os Artistas Naskiera*.

Apesar de os jovens terem criado, efetivamente, dois curtas, tivemos alguns percalços durante o desenvolvimento do trabalho. O principal foi a frequência dos encontros: como víamos cada grupo uma vez a cada semana, não tínhamos garantia que a turma poderia ser a mesma, posto que alguns poderiam ter finalizado as medidas socioeducativas ou outro menino ingressar em meio ao processo. A periodicidade fez com que não houvesse uma sequência lógica e consistente. Já em termos de espaço físico, tivemos uma restrição com as nossas locações.

Por outro lado, notamos como os jovens mantinham uma íntima relação com a música, principalmente, com o gênero rap. Nos bastidores e nos intervalos de gravações, os meninos usavam os microfones e as câmeras para cantarem. E quando acessávamos a internet para exibir algum filme, eles faziam questão de nos mostrar os videocliques das músicas que estavam cantando. Inclusive, o filme *Os Artistas Naskiera* tem o enredo fundamentado em uma música escrita por um dos participantes.

Tendo em vista os resultados e os problemas dessa nossa primeira experiência, decidimos fazer em 2019 esta pesquisa-ação (o detalhamento da proposta e dos procedimentos metodológicos estão na próxima seção), para que pudesse ser mais expressivo para jovens que estão cumprindo medidas socioeducativas na FASE.

FASE é a sigla de Fundação de Atendimento Socioeducativo, uma instituição pública do estado do Rio Grande do Sul responsável “pela execução do programa estadual de medidas socioeducativas de internação e semiliberdade” (RIO GRANDE DO SUL, 2010). Tais medidas são aplicadas a adolescentes que cometem atos infracionais.

Dentro da FASE, existem seis centros espalhados em diferentes cidades do estado do Rio Grande do Sul e sete na capital. Eles são chamados de CASE, (Centro de Atendimento Socioeducativo). O CASE-Santa Maria, onde desenvolvemos a pesquisa, abriga adolescentes do sexo masculino da região central do estado. Com capacidade para 39 adolescentes, em julho de 2019, a unidade estava acima da capacidade máxima. No CASE-SM, encontra-se a Escola Estadual Humberto de Campos, onde os jovens podem dar continuidade ao seu estudo regular. Além de salas de aula com capacidade de seis alunos cada, a escola pública conta ainda com um laboratório de ciências, um auditório e uma biblioteca. Fora o ensino regular, nas acomodações da escola são oferecidas oficinas e outros projetos para os meninos.

Contudo, é descabido equiparar a metodologia de ensino da escola Humberto de Campos com outras da cidade. Por exemplo, os adolescentes não podem levar material escolar para seus dormitórios, então, as tarefas devem ser feitas todas na escola. Portanto, é difícil ter uma sequência e uma continuidade no processo de ensino/aprendizagem dos meninos. Até a própria permanência deles lá é uma incerteza.

Problemas como esses urgem alternativas a esse formato de ensino regular. O ensino focado nesse grupo social, de jovens que estão cumprindo medidas socioeducativas, é chamado, em geral, de socioeducação.

## **SOCIOEDUCAÇÃO E O LETRAMENTO AUDIOVISUAL COMO PROPULSOR DA ÁREA**

O conceito de socioeducação é relativamente recente. Surgido em 1990 a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o termo originalmente era usado, de forma abrangente, para designar as medidas socioeducativas. Todavia, consoante Cynthia Bisinoto *et al*, no ECA “não há nenhuma formulação teórica sobre o conceito de socioeducação; na verdade, o termo não aparece no ECA, apenas sua forma adjetiva, em expressões como programa socioeducativo e medida socioeducativa” (BISINOTO *et al*, 2015). Cabe ressaltar que o ECA foi criado a partir dos princípios e dos projetos presente na Constituição Brasileira de 1988 – a Constituição Cidadã –, um marco durante o período de redemocratização do país.

No entanto, há certa controvérsia semântica em relação ao termo socioeducação. Ora, se todo o processo educativo necessariamente perpassa por funções, ações e objetivos sociais, o conceito de socioeducação, em si, é um pleonasma.

Toda a educação, pois, pressupõe uma educação social. Nessa mesma linha, Libâneo define assim essa área do saber:

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas e ações que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal (LIBÂNEO, 2001, p. 158).

A despeito das similaridades, educação e socioeducação não devem ser tratadas como sinônimos. Para melhor entender o conceito de socioeducação, começemos analisando os objetivos das medidas socioeducativas. Consoante a lei do SINASE (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo), seus objetivos são:

I - a responsabilização do adolescente quanto às consequências lesivas do ato infracional, sempre que possível incentivando a sua reparação;  
II - a integração social do adolescente e a garantia de seus direitos individuais e sociais, por meio do cumprimento de seu plano individual de atendimento; e  
III - a desaprovação da conduta infracional, efetivando as disposições da sentença como parâmetro máximo de privação de liberdade ou restrição de direitos, observados os limites previstos em lei (BRASIL, 2012).

A educação e a socioeducação estão intimamente ligadas, uma vez que os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas devem continuar seus estudos na educação

formal. Entretanto, o foco nas atividades pedagógicas para esse público necessita levar em conta sobretudo o segundo item: uma educação que busque ressocialização e garantia de seus direitos.

Marlene Ribeiro *et al* (2006, p. 160) afirmam que a socioeducação está intrinsecamente ligada a um grupo de pessoas em estado de exclusão social. Então, as práticas pedagógicas e os objetivos da educação são diferentes daqueles que se encontram incluídos na sociedade em que vivemos. Corroborando essa ideia, Bisinoto *et al* (2015) entendem que

o conceito de educação social está indissociavelmente vinculado ao de exclusão social e, portanto, a educação social está presente nas ações de socioeducação enquanto fundamentos teóricos, conteúdos e nas metodologias requeridas para atuar em uma sociedade marcada por processos de dominação e exclusão. (BISINOTO *et al*, 2015, p. 581).

Por outro lado, Patrícia Pinto e Raquel Silva (2014, p. 147) afirmam que “a prática da socioeducação não deve ser vista como uma exclusividade para os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Ela deve abranger e fazer parte do processo de formação de qualquer criança e adolescente”.

Acreditamos que a socioeducação não pode ser vista como menos importante que a educação formal ou educação profissional. A educação e a socioeducação são áreas dialogais e complementares. Sem um viés político e social, por exemplo, a educação formal fica enfraquecida.

A partir dessa discussão teórica, entendemos que a socioeducação é um conjunto de práticas de ensino/aprendizagem cujas funções essenciais têm relação com a sociabilidade do educando, englobando aspectos formais e informais da educação. Com uma perspectiva freiriana, a socioeducação pode ser um instrumento de reconhecimento individual e social. Ela mantém fortes laços com os princípios de direitos individuais e sociais; enfim, com os direitos humanos. Ainda, ela tem uma função de gerar empoderamento nos alunos. Portanto, socioeducação é um paradigma educacional: uma forma de se entender a educação reconhecendo as necessidades de um grupo marginalizado que, mais que outros, precisam ser inseridos novamente na sociedade e ter compreensão de seus direitos individuais e coletivos.

Bisinoto *et al* (2015, p. 578) explicam que o mais importante da socioeducação não é onde nem quem atingimos, mas sim como a pensamos e nos valemos dela. “Em razão da amplitude e complexidade dos processos educativos, carregados de inúmeras interfaces, a questão central não é o local onde ocorre a educação, mas, sobretudo, a noção ou concepção de educação que orienta as ações”.

Gostaríamos de acrescentar nesse debate sobre socioeducação a importância da criação artística. Durante os três últimos anos do projeto, notamos como os alunos têm se mostrado engajados nas atividades artísticas, além de terem realizados reflexões profundas sobre o objeto e a sociedade. Tais ações acontecem sobretudo com propostas pedagógicas que vão além dos muros da escola, trazendo mais responsabilidade social. A realização do FEBIC é um exemplo concreto disso. Desse modo, pensamos que um processo de ensino/aprendizagem fundamentado na criação artística – em especial no cinema –, pode representar uma melhora no campo da educação. Não podemos dissociar a arte de suas funções

socioculturais; bem como a responsabilidade dos artistas. Quando os alunos estão criando obras originais, eles estão desenvolvendo um senso de consciência social.

## **SISTEMATIZANDO A CRIAÇÃO: OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DESTA PESQUISA-AÇÃO**

Como já explicado na introdução, esta pesquisa-ação tem como objetivo criar de um videoclipe original com um grupo de internos do CASE-SM, em que eles participassem ativamente de todas as fases da produção - criação da música, gravação da música, escrita do roteiro e gravação do videoclipe. Realizamos este estudo com 11 meninos, a partir de encontro por oito dias. Esses encontros diários, de quatro horas de duração, aconteceram na Escola Estadual Humberto de Campos, localizada nas dependências do próprio CASE-SM.

Para esta pesquisa, utilizamos a pesquisa-ação, metodologia participativa de abordagem qualitativa que permite investigar a própria prática de uma forma crítica e reflexiva, criando relações estreitas entre pesquisadores e pesquisados a fim de resolver um problema ou alcançar determinados objetivos. Avaliamos que esta é a metodologia propícia para a área pedagógica porque processos educacionais são difíceis de serem mensurados ou padronizados. Então, a pesquisa-ação na área das humanidades é descrevê-los, documentá-los, analisá-los e julgá-los.

John Elliott (1991, p. 69) conceitua pesquisa-ação como um estudo de uma situação social específica com o intuito de melhorar a qualidade da ação nesse contexto. Ampliando a explicação do conceito, David Tripp (2005, p. 447) lista algumas características essenciais da pesquisa-ação. Ela é inovadora, contínua, proativa estrategicamente, participativa intervencionista, problematizada, deliberada, compreendida e disseminada. O autor argumenta que a pesquisa-ação é

...uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”, e eu acrescentaria que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.). Isso posto, embora a pesquisa-ação tenda a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque a pesquisa-ação ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática. A questão é que a pesquisa-ação requer ação tanto nas áreas da prática quanto da pesquisa, de modo que, em maior ou menor medida, terá características tanto da prática rotineira quanto da pesquisa científica (TRIPP, 2005, p. 447).

Muitas pessoas acham, erroneamente que a pesquisa-ação é uma metodologia esvaziada de teoria. A pesquisa-ação se fundamenta, com efeito, em pressupostos teóricos para identificar problemas em contextos e planejar as ações que causem impactos positivos. Porém, ela se distingue de outras modalidades mais tradicionais de pesquisa por ter como principal finalidade alterar uma realidade específica através de ações práticas e de reflexões sobre essas ações. Assim, a produção de conhecimento propriamente dito fica em segundo

plano (ELLIOT, 1991, p. 49). Ademais, nessa modalidade metodológica, uma teoria é validada através da prática: a pesquisa-ação não se apropria de uma teoria validada independentemente para colocá-la em prática (ELLIOT, 1991, p. 69).

Normalmente esta modalidade de pesquisa é conduzida em um contexto profissional. Devido à área da educação ter profissionais que têm ações de formação continuada, os professores são mais propensos a se valerem da pesquisa-ação. Nesse sentido, entendemos que a pesquisa-ação é uma metodologia muito útil na área da educação – e da socioeducação – posto que esse tipo de pesquisa auxilia no desenvolvimento e na reflexão de práticas profissionais educacionais, que seguem em constante atualização, considerando a sociedade contemporânea. Além do mais, a pesquisa-ação mostra-se democrática ao englobar todas as pessoas envolvidas nas práticas educacionais, gerando um efeito de consciência social e, conseqüentemente, reflexões éticas sobre as ações propostas.

David Tripp (2005, p. 446) afirma que o ciclo da pesquisa-ação possui quatro estágios básicos: a) planejar uma melhora na prática; b) agir para implantar essa desejada melhora; c) monitorar e descrever os efeitos desta ação; e d) avaliar os resultados. Nesta pesquisa-ação podemos identificar os quatro estágios. No planejamento, identificamos os problemas em comum deste grupo de jovens (as medidas socioeducativas e a privação de liberdade) e propomos o desafio de realizar uma produção original em audiovisual que, mesmo em um espaço reduzido, possa levar esse público a pensar, com elementos estéticos e éticos, em uma forma de ressocialização. A segunda e a terceira etapa, a ação para implementar a melhora e a descrição dos efeitos da ação estão descritas na próxima seção. Por fim, a avaliação dos resultados está apresentada na seção Conclusão.

A dinamização da pesquisa ocorreu entre os dias 22 de julho e 2 de agosto de 2019, durante o recesso do ano letivo. Assim sendo, tínhamos todo o espaço físico e materiais da escola disponível.

Esta pesquisa-ação foi dividida em cinco momentos, com procedimentos metodológicos específicos em cada um deles:

- a) apreciação e análise de vídeos;
- b) oficinas de rap, ritmo e rimas;
- c) criação da música;
- d) escrita do roteiro;
- e) gravação do vídeo;

O primeiro momento, apreciação e análise de vídeos, foi uma aula em formato de bate-papo que durou um encontro. Inicialmente apresentamos a proposta de pesquisa-ação e, logo em seguida, assistimos e discutimos com os meninos os seguintes vídeos: *Bluesman* (Baco Exu do Blues); *AmarElo* (Emicida), *Tragédia 2* (MC Moreno), *Lalá* (Karol Conka) e *Vida Loka parte 2* (Racionais MC). A escolha desses vídeos se deu em razão de mostrar para o grupo que um vídeo do mesmo gênero pode ter diferentes abordagens em suas narrativas visuais. Enquanto uns escolhem ter uma narrativa independente da letra da música, como *Bluesman*, *Lalá*, por exemplo, tem sua produção fundamentada apenas em imagens de estúdio, com a cantora fazendo uma performance da música. *Tragédia 2*, por seu lado, é um vídeo com uma narrativa visual ficcional que acompanha a história da letra da música. *AmarElo* e *Vida Loka parte 2* são vídeos que mesclam narrativas e ima-

gens com os artistas cantando. Assim, os meninos poderiam se basear nos diferentes tipos de videoclipe para criar o deles.

Após a exibição de cada obra conduzimos discussões guiadas a partir de comentários do grupo. Vez ou outra, fazíamos perguntas específicas sobre a narrativa e sobre o efeito de determinada cena para o vídeo. Com isso, pudemos trazer à baila reflexões sobre roteiro, personagens, cor, sincronicidade e estética.

Na segunda etapa, após a apreciação e discussão dos videoclipes fizemos, em dois dias, oficinas focadas no gênero musical rap. Primeiramente, a partir de uma aula teórico-prática preparada por um acadêmico do curso de Música e Tecnologia, os jovens aprenderam resumidamente sobre elementos da história do rap e praticaram algumas técnicas de canto. Também convidamos dois membros do CO-RAP (Coletivo de Resistência Artística Periférica) para ministrar oficina sobre rimas, métrica, improvisação e batalhas de rap.

A terceira fase da pesquisa consistiu na criação, por parte dos internos, de uma música original. Após a oficina de rap, convidamos um músico local para ajudar a criar, num processo coletivo, uma batida e uma base musical para a letra que os estudantes estavam escrevendo. Os meninos dividiram-se em dois grupos: cinco deles se prontificaram a criar e cantar a música, enquanto os outros seis iriam desenvolver o roteiro. Colocando em prática o que eles estudaram na oficina anterior, os jovens escolheram fazer uma música cujo tema era a rotina e as dificuldades que eles viviam dentro do CASE-SM. Para a captação da música, montamos um pequeno estúdio em uma das salas de aula com equipamentos da TV Campus.

Quando os meninos definiram o tema da canção, começamos a quarta parte da metodologia: a escrita do roteiro. Os jovens que não estavam criando a canção decidiram que a narrativa visual seria feita intercalando imagens dos cantores e de cenas de seu cotidiano. Dentre elas, estavam tanto atividades que eles gostavam (jogar futsal, tomar sol no pátio, jogar xadrez e ir para a sala de aula) quanto tarefas difíceis para eles, como, sentir saudade da família, experienciar a privação de liberdade, enfrentar problemas psicológicos ou pedir água para um agente socioeducativo toda vez que sentia sede.

O último momento foi a gravação do videoclipe, a partir do roteiro escrito por seis dos meninos. Todo o grupo que participou da pesquisa atuou nas gravações. Simultaneamente, aqueles responsáveis pela música gravavam outras tomadas de áudio, no estúdio montado na escola. Além do grupo participante, diversos moradores do CASE e alguns profissionais socioeducativos também participaram das cenas como figurantes. Em quatro dias realizamos a gravação de todas as imagens.

Depois de finalizadas todas as etapas, voltamos ao CASE-SM para fazer uma exibição do videoclipe, intitulado *Sonho de Liberdade*, para todos os internos dos diferentes setores e para os funcionários do local. Disponibilizamos uma cópia para que os agentes socioeducativos mostrassem o produto para as famílias dos participantes durante o horário de visita semanal. Nesse retorno ao CASE, conduzimos entrevistas com funcionários para melhor mensurar e avaliar os impactos desta pesquisa-ação. Assim, as técnicas que usamos para analisar os resultados foram justamente essas entrevistas e a observação direta de todas as etapas da pesquisa-ação.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em nosso primeiro encontro, na apreciação e análise de videocliques, já registramos alguns resultados positivos. Os jovens mostraram-se atentos aos videocliques, além de trazer ao debate comentários e argumentos interessantes acerca das obras, de forma bastante participativa. Os vídeos que mais geraram discussão foram *AmarElo* e *Bluesman*. Uma possível explicação é que a maioria das personagens de ambos os videocliques são jovens de periferia. Isso é um fator de identificação para os jovens.

Outra justificativa que encontramos para termos uma resposta positiva foi o rap. A familiaridade com esse gênero musical talvez tenha catalisado o interesse nessa atividade. Os meninos nos relataram que uma das poucas diversões no dormitório é ouvir rádio, até que as pilhas acabem. Outra forma de diversão deles, também relacionada à música, é improvisar rimas com outros jovens. Desse modo, o contato com a música é o mais próximo de um regozijo individual e coletivo que esses meninos têm. E o rap, juntamente com o funk, é o gênero mais consumido por eles. Esse apelo pelo gênero ficou comprovado com o último videoclipe exibido no primeiro dia: *Vida Loka parte 2*. Praticamente durante os mais de 5 minutos, o grupo inteiro cantou junto com a música.

Para entendermos a importância do rap, temos que levar em consideração os constantes conflitos de classe que existem em nossa sociedade e as relações de poder entre elas. Representantes das classes subalternas encontraram no rap um gênero musical que lhes dá protagonismo, com a possibilidade de denunciar, através de uma linguagem crua e realista, exemplos das opressões sofridas. Na música criada pelos participantes desta pesquisa-ação, *Sonho de Liberdade* (2019), por exemplo, os primeiros versos já apresentam o momento de prisão do eu-lírico:

Polícia chega/ não dá pra fugir nem correr  
ou é me entregar, ou vai ser morrer. (Sonho de Liberdade, 2019)

O rap, portanto, é um gênero musical de resistência nos dois sentidos das palavras: no de resistir às opressões e horrores sofridos através do conflito de classe e no de se apresentar como uma proposta revolucionária de mudar uma ordem social pré-estabelecida.



**Figura 1:** Cena inicial do videoclipe *Sonho de Liberdade*

(Créditos: Autores)

## Joseli Fernandes e Eliane Rodrigues caracterizam o rap como

...a voz da periferia, mais especificamente, das potencialidades e representação da realidade e do povo negro, que ainda sofre com a ideia de um passado de escravizados que influenciam o imaginário coletivo e prejudica a representatividade e o desenvolvimento da identidade negra (FERNANDES E RODRIGUES, 2018, p. 21).

Seguindo essa linha de raciocínio, o rap não pode ser visto como apenas um conflito de classe. O rap é um gênero interseccional, imbuído de questões de raça e gênero. Frisamos ainda que no Brasil, apesar de pouco mais da metade da população ser negra, 75% deles se encontram nas classes mais baixas<sup>1</sup>.

O rap, da mesma forma, é palco para a discussão da desigualdade de gênero. Um estudo conduzido por Sthefanie Paiva e Ângela Marques (2019, p. 143) mostra como as MCs mulheres não têm um ambiente receptivo para batalhas de rimas. O estudo denuncia a propagação de um machismo estrutural em diversas letras de rap ou batalhas de MCs. Por outro lado, uma vez que este é um gênero musical de origem popular e de fácil produção, ele pode ser a chance de muitas MCs poderem ter representatividade na cena musical. O CASE-SM recebe apenas moradores do sexo masculino, então não recebemos meninas nas atividades, porém, os jovens mostraram em alguns trechos da letra e também em nosso curto convívio grande importância e admiração pelas figuras maternas, sejam suas mães, avós ou namoradas.

Penso na minha vó, que me faz sorrir.  
Vou secar o choro e me reconstruir. (...)  
Minha coroa tá no céu, meu pai onde tá você?  
Meu filho tão pequeno e eu aqui preso, quanto mais penso, mais fico com medo.  
(...)  
Um dia a liberdade vai chegar, orgulho pra minha coroa eu vou ter que dar.  
Estou cansado de vê-la chorar. Não quero isso pra ela e nem pros meus familiar.  
(Sonho de Liberdade, 2019)

Ao mesmo tempo que percebemos a força da figura feminina em suas vidas, notamos os jovens reproduzindo a mesma realidade em que se formaram sujeitos sociais, uma vez que agora também assumem o papel do pai que não está presente no ambiente familiar.

Considerando essas questões sociais imbricadas no rap, faz sentido percebermos que algumas canções do gênero tratam sobre o tema do encarceramento ou privação de liberdade. Isso é basicamente um reflexo social. O Brasil conta com a terceira maior população carcerária do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Dentre os presos, 61,7% são negros ou pardos, e 75% têm até o Ensino Fundamental completo, indicador de baixa renda<sup>2</sup>. É claro que isso é diferente dos meninos que estão cumprindo medidas socioeduca-

<sup>1</sup> <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/11/13/percentual-de-negros-entre-10-mais-pobre-e-triplo-do-que-entre-mais-ricos.htm>

<sup>2</sup> <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias/sistema-carcerario-brasileiro-negros-e-pobres-na-prisao>



tivas, mas é um panorama a se levar em conta, pois nos dois casos há implicações de atos infracionais e privações de liberdade. Assim, a relação do rap com os jovens em conflito com a lei não é apenas estética ou de apreciação, mas também de vivência, como observamos no excerto a seguir:

*olho a portinhola, mesma cena todo o dia  
faço um crochê, minha mente é magia.  
(...) Logo que acordo tem café e pão com bá.  
Não vejo a hora do fim de semana começar,  
pra visita chegar, poder me alegrar,  
pra fazer a pena amenizar.  
(...) No dormitório só mais uma dose, seguir em frente, lidar com as neurose.  
Liberdade bate na janela,  
só pra sair, dar um rolê com as donzelas (Sonho de Liberdade, 2019)*

A narrativa prisional se expressa principalmente no espaço do dormitório, onde os jovens convivem na maior parte do dia. Uma pequena portinhola para enxergar os outros dormitórios ou pedir água para os funcionários são exemplos disso. A imagem das grades também é muito forte no discurso musical. O alento são os momentos de convívio social, seja no pátio, seja na visita da família.

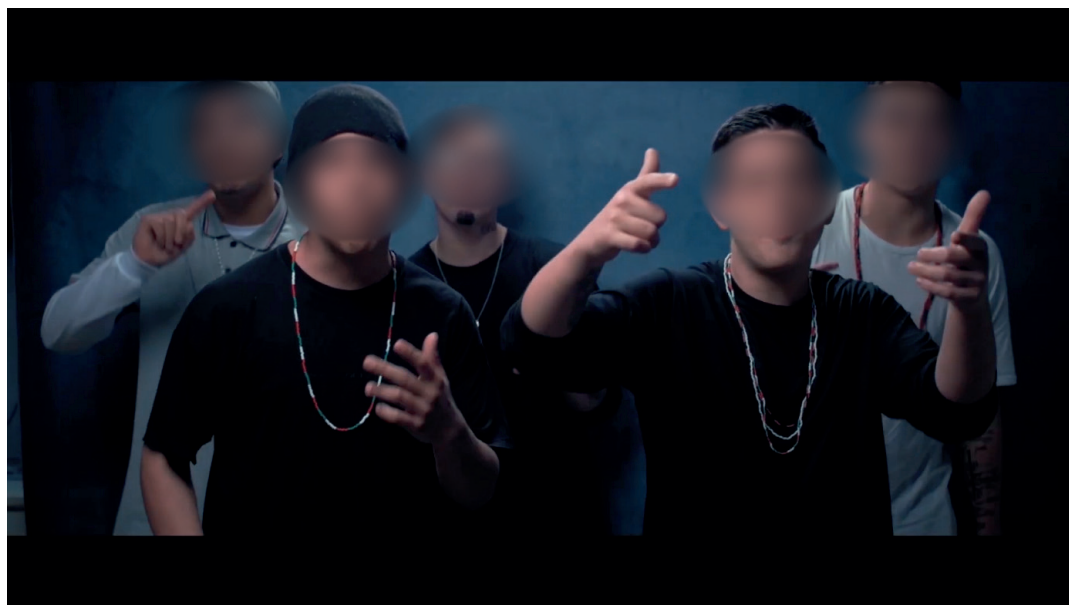
Não obstante à familiaridade com o gênero, acreditamos que a escolha do gênero rap foi extremamente positiva porque os meninos, de fato, experienciam alguns desses horrores sociais denunciados seja na letra da música seja na narrativa visual. Assim sendo, o rap torna-se, para eles, uma questão identitária. Para esses meninos que são acostumados a improvisar em diversas situações para sobreviver na vida, fazer rap foi uma questão de direcionamento pedagógico. O discurso apresenta contestações dos jovens, que relativizam sua posição social indicando injustiças e incoerências em nossa constituição de sociedade:

*Tô ligado, não sou santo, mas sigo na caminhada.  
A FASE é uma fase  
na vida da gente,  
na rua eu era louco,  
hoje sou louco consciente.  
(...) Sempre fui vaso ruim de quebrar,  
mas rachei e tô tentando consertar.  
(...) Tem bandido do mau, tem bandido do bem.  
Mas malandro que é malandro/ não faz mal a ninguém.  
(...) É irreduzível acordar todo o dia sem motivo  
pensando num futuro,  
mas o futuro é crítico  
como a corrupção desses político  
que falam que bandido mata,  
mas quem mata são de terno e gravata. (Sonho de Liberdade, 2019)*

Não são todas as canções de rap que versam sobre problemas de nível social. Podemos encontrar canções que tratam de trivialidades. Mesmo assim, não nos surpreendeu que a composição final dos meninos, *Sonho de Liberdade*, abordasse a temática de suas rotinas

no CASE-SM, além de denunciarem alguns problemas sociais que sua classe, a menos privilegiada, sofre. Psicanaliticamente falando, o processo criativo de composição musical pode ser lido como uma forma de confissão desses jovens. Em um processo auto reflexivo, ao mesmo tempo eles admitem e repensam seus atos infracionais, além de denunciar como condições sociais se impuseram para que esse tenha sido seus destinos.

Para nossa pesquisa-ação, em suma, o rap foi um facilitador da socioeducação. Este é um gênero instrumentalmente simples, que muitas vezes prescinde de instrumentos e é feito a partir de uma batida constante em que a voz é sobreposta e, na maioria das vezes, é rimada. Durante os outros dias da primeira semana da dinamização desta pesquisa, alguns dos alunos ficaram incumbidos de criarem a letra da música que viria a se tornar um videoclipe. Como nos encontrávamos às tardes, os alunos não conseguiam registrar de forma escrita outros versos, já que não é permitido levar lápis ou caneta para os dormitórios, uma vez que são materiais pontiagudos. Assim, de acordo com os agentes socioeducativos, o processo criativo individual consistia em várias repetições orais durante a noite, como uma forma de memorização. Para fazer a batida, os meninos solicitavam seus colegas de quarto para acompanhá-los.



**Figura 2:** Cena do refrão, no videoclipe *Sonho de Liberdade*

(Créditos: Autores)

A proposta de incentivar os jovens à criação artística é extremamente importante como um processo educativo e formador do pensamento crítico e reflexivo. De acordo com Maria Cristina Silva,

Frente ao apassivamento desejado pela indústria cultural, torna-se imprescindível a formação de sujeitos críticos por meio do conhecimento das linguagens, das formas de produção, leitura e de apropriação dos meios de comunicação audiovisuais, sobretudo na experimentação artística que não se ensina, mas se vivencia (SILVA, 2013, p. 153).

O contato com todas as etapas de produção de um videoclipe, a longo prazo, pode ser uma forma de libertação para esses meninos. Alguns dos participantes do projeto nos perguntaram reiteradamente como eles poderiam participar de batalhas de rap ou *slams*, pois alguns deles têm interesse em cantar profissionalmente.

Não foi somente em relação à música que tivemos aspectos positivos. A divisão em dois grupos (música e roteiro) pode explorar diferentes potencialidades. Trazemos aqui um exemplo de um dos meninos que desde o primeiro dia manuseava minuciosamente a câmera e queria tirar fotos de diferentes momentos da pesquisa. Por outro lado, esse pode ser um ponto a melhorar em uma futura réplica do trabalho, visto que seria ideal que todos participassem tanto da escrita do roteiro quanto da criação musical.



**Figura 3:** Gravação do videoclipe *Sonho de Liberdade*

(Créditos: Autores)

Durante as gravações, igualmente, os jovens foram muito engajados. Não tivemos dificuldade em gravar as diversas cenas que o roteiro previa. Talvez por eles estarem atuando “eles mesmos”, a identificação cinematográfica foi natural. Desde a fase da apreciação até a gravação eles estabeleceram uma relação íntima com o audiovisual. Adriana Fresquet (2017) explica que o cinema tem uma potência formadora porque aproxima o sujeito do objeto:

O cinema nos fala de nós, de coisas que nós não conhecemos ainda, mas que sabemos que são para nós e sabemos que são nossas. Há filmes em que as crianças veem e compreendem, ainda que no momento sejam muito pequenas, elas compreendem que isso tem a ver com elas. Logo, é por isso que o cinema é extremamente formador, mas muito profundamente sobre a relação com o mundo que se pode ter (FRESQUET, 2017, p. 34).

Enquanto criávamos o roteiro, encontramos diversos anseios visuais dos jovens que para nós não eram compreensíveis, como uma insistência em gravar cenas tomando água dentro do dormitório ou uma cena no “isola”, o dormitório separado que os jovens habitam ao ingressarem no CASE ou quando cometem alguma infração lá dentro. São cenários muito caros para eles, pois marcam grande parte da trajetória temporal dentro do sistema em privação de liberdade. Apesar de entendermos que esses espaços não refletem seus melhores momentos lá dentro, compreendemos a necessidade inclusive narrativa de mostrar as horas difíceis que fazem parte da história dos jovens aprisionados.

A relação com cinema e expressão da subjetividade se destaca a partir da criação de narrativas capazes de provocar sentimentos:

Por um lado, a subjetividade leva-nos ao mundo vivido, produto de uma elaboração mais ou menos pessoal, resultado da imaginação do criador, tornando-se perceptível na tela. Por isso, o conteúdo do filme é de grande interesse, e Morin o apreende como algo que desperta percepções próprias ao sonho. Por outro lado, o imaginário caracterizaria a relação estabelecida entre o espectador e o filme, sua compreensão de uma situação representada sustentada sobre os seus conhecimentos, suas suposições e suas expectativas (GUTFREIND, 2005, p.35).



**Figura 4:** Cena do videoclipe *Sonho de Liberdade*, mostrando a porta dos dormitórios

(Créditos: Autores)

## CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, ao decidirmos produzir um videoclipe, fomos além do cinema, e trabalhamos com duas modalidades artísticas: música e audiovisual. A primeira é a que os jovens têm mais contato nos seus cotidianos, visto que muitos deles têm aparelhos de rádio em seus dormitórios. Ainda, improvisar rimas e fazer *beatbox* são atividades comuns para os meninos passarem o tempo. O audiovisual, por sua vez, é algo cujo acesso é fornecido apenas na escola, que conta com televisores e computadores.

A partir do produto final criado pelos participantes da pesquisa, o videoclipe *Sonho de Liberdade* (a letra musicada, na íntegra, encontra-se no Apêndice), e de entrevistas com

funcionários e educadores do CASE-SM, notamos que houve uma mudança atitudinal dos jovens: eles passaram a ter mais autoconfiança e autoestima. Essa mudança se deu principalmente em sala de aula, onde também houve melhora expressiva no desempenho e no comportamento. Alguns dos jovens foram dispensados do atendimento especial, algo que não tinha acontecido com eles até então. Inclusive, eles começaram a se interessar por outras atividades extracurriculares.

A pesquisa teve impactos proveitosos também em um plano subjetivo dos meninos, posto que, através do processo criativo, eles puderam realizar uma autorreflexão sobre seus atos infracionais e ouvir histórias de seus pares, criando um ambiente empático e acolhedor. Alguns dos jovens, chegaram a conjecturar perspectivas de trabalho no ramo musical quando saírem do CASE-SM.

Por fim, em um nível institucional, notamos que a criação em audiovisual se mostrou um recurso profícuo didaticamente e atrativo para os jovens. Eles realmente se engajaram em todo o processo e ficaram orgulhosos de seu produto. O letramento em audiovisual tem um potencial para ser incluído como disciplina obrigatória na área da educação ou socioeducação.



**Figura 5:** jovens manuseando a câmera para a gravação.

(Créditos: Autores)

## REFERÊNCIAS

AMARAL, J.P.W.; GONCALVES, R.S.; TOWNSEND, T.D. Baralho de Personagens: uma metodologia para criação de narrativas. In: COLVERO, R. et al (Org.). **Fontes, Métodos e Abordagens nas Ciências Humanas: paradigmas e perspectivas contemporâneas**. Pelotas: BasiBooks, p. 429-438, 2019.

AMARAL, J.P.W.; GONCALVES, R.S. Da Leitura à Criação Literária e Cinematográfica: sensibilização artística no Ensino Fundamental. In: HOFFMANN, A.E.; PICOLOTTO, E.B. **Acta [recurso eletrônico] Novos olhares: leitura@, ensino e mundo digit@l**. Frederico Westphalen: Editora URI, p. 338-345, 2017.

BARBOSA, M.C.M.; SANTOS, M.A. **Escritos de Alfabetização Audiovisual**. Porto Alegre: Libretos, 2014

BATALHA et al. Contribuições da Extensão Universitária na Sociedade. **Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 1, n. 16, p. 141-148, 2013.

BISINOTO, C. et al. Socioeducação: origem, significado e implicações para o atendimento socioeducativo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 575-585, 2015.

BRASIL. Ministério da Casa Civil - **Lei Nº 12.594**, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional Brasília, 2012

\_\_\_\_\_. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996

ELLIOT, John. **Action research for educational change**. Filadélfia: Open University Press, 1991.

FERNANDES, J.; RODRIGUES, E. RAP: instrumento de libertação e reconhecimento da identidade negra. **Revista (Entre Parênteses)**, Alfenas, v. 1, n. 7, p. 1-24, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FRESQUET, A. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GOULART, A. T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. **Horizonte**. Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 60-73, 2004

GUTFREIND, C. F. Cinema: uma forma de tradução do pensamento. In: ESCOSTEGUY, A. C. (Org.). **Cultura midiática e tecnologias do imaginário: metodologias e pesquisas**. Porto Alegre: Edipucrs, p. 29-37, 2005.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar. Editora da UFPR: Curitiba, n. 17, p. 153-176, 2001.

MARQUES, A.; PAIVA; S. Mulheres MC's e as batalhas de rap como forma de resistência através de rimas: cultura de rua e narrativas de si. **Sociopoética**, João Pessoa, v. 1, n. 21, p. 127-145, 2009.

OBSERVATÓRIO DE DIREITOS HUMANOS DA UFSM. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/observatorio-de-direitos-humanos/>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

PELLIZZARI, A. et al. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. **Revista PEC**, v. 1, n. 2, p. 37-42, 2002.

PINTO, P.; SILVA, R. Socioeducação: que prática é essa? In: I. L. Paiva, C. Souza & D. B. Rodrigues (Orgs.). **Justiça juvenil: teoria e prática no sistema socioeducativo**. Natal: Editora da UFRN, p. 141-160, 2014.

POSTIC, M. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RIBEIRO, M. Exclusão e Educação Social: conceitos em superfície e fundo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 155-178, 2006

RIO GRANDE DO SUL, **Lei nº 13.418**, de 05 de abril de 2010. Dispõe sobre execução de medidas sócio-educativas de internação e de semiliberdade. Porto Alegre, RS. 2010.

TEVES, N. (Org.). **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez., 2005.

SILVA, M. C. M. A reinvenção do(s) cinema(s) na formação do espectador contemporâneo: pedagogia godardiana. In: COUTINHO, M.A.; MAYOR, A.L.S. **Godard e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 139-156, 2013.

## **DADOS DOS AUTORES**

### **JOÃO PEDRO WIZNIEWSKY AMARAL**

Doutor em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).  
shuaum@gmail.com

### **RAFAEL SALLES GONÇALVES**

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). rafasterorama@gmail.com

### **THOMÁS DALCOL TOWNSEND**

Graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).  
thomasdtownsend@gmail.com

Submetido em: 02-09-2020

Aceito em: 01-02-2021

## APÊNDICE- Letra da música “Sonho de Liberdade”

Assim como toda alegria é passageira, nenhum sofrimento é eterno. Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar na rua e fazer um novo fim, não é mesmo?

Polícia chega  
não dá pra fugir nem correr  
ou é me entregar, ou vai ser morrer.  
Algemado, e a mina chorando  
dou um beijo nela e na “vt” eu vou entrando.  
Chego no ingresso e tem um mano da quebrada  
a gente até deu uma improvisada.  
Os cara no setor chegam a falar:  
“E aí, chegou o mano Saravá”.  
Perguntam para mim porque que eu caí e foi por latro que eu tô aqui.  
Rezo antes de dormir todo o dia pra sair  
fazer algo por mim e não me destruir  
olho a portinhola, mesma cena todo o dia  
faço um crochê, minha mente é magia.  
Penso na minha vó,  
que me faz sorrir.  
Vou secar o choro e me reconstruir.  
No futuro, doutor veterinário  
pra mina e pro meu filho, um bom cenário  
dar motivos pra coroa se alegrar,  
quando tiver lá fora penso em trabalhar,  
terminar os estudos prum futuro melhor,  
pra família se orgulhar,  
não para o pior.  
Eu vou chegar em casa,  
e eles vão me ver,  
dando a volta por cima,  
vão pensar o quê?  
E quem sorriu na minha ida e me fez mal  
vai chorar na minha volta.  
Ponto final.

Logo que acordo tem café e pão com bá.  
Não vejo a hora do fim de semana  
começar,  
pra visita chegar, poder me alegrar,  
pra fazer a pena amenizar.  
Uns ficam sem visita e até se abalam,  
só não pedalam pra não sair de safado.  
Mas eu não me abalo,  
a Lili vai cantar.  
Pra mim e meus irmãos,  
peço nosso alvará.  
Aqui o filho chora e a mãe não tá pra ver.  
Minha coroa tá no céu,  
meu pai onde tá você?  
Meu filho tão pequeno e eu aqui preso,  
quanto mais penso, mais fico com medo.

Já não sei o que fazer nessa FASE,  
nesse CASE, 17 de idade,  
quero sair daqui e me reconstruir.  
Os inimigos tão aqui, tão ali,  
e podendo fazer algo.  
Mas não sou Deus pra levar esses  
desalmados.  
O certo é o certo, o errado é cobrado.  
Mas se eles vir,  
vão ver o diabo de carapuça, .38 e um machado.  
Mas não desejo isso pra ninguém.  
Só aqueles que gritam é o trem.  
Os dias aqui são lentos,  
mas vai chegar o meu tempo.  
Aqui é sofrimento,  
vários manos na parada.  
Tô ligado, não sou santo,  
mas sigo na caminhada.  
A FASE é uma fase  
na vida da gente,  
na rua eu era louco,  
hoje sou louco consciente.

A FASE é uma fase  
na vida da gente.  
Não é pra pior,  
o melhor tá pela frente.

A FASE é uma fase na vida da gente.  
Não é pra pior, o melhor tá pela frente.  
Eu penso no futuro,  
sair, não ficar atrás do muro.  
Até, se pá, virar crente.  
O meu futuro a Deus pertence.  
Seguindo consciente pra poder dar  
orgulho pros parentes.  
Sempre fui vaso ruim de quebrar,  
mas rachei e tô tentando consertar.  
Penso em liberdade todo o dia,  
Penso na coroa, penso na família.  
Tenho meus irmãos de fé, pois é.  
Liberdade pra nós se Deus quiser.  
No dormitório só mais uma dose,  
seguir em frente, lidar com as neurose.  
Liberdade bate na janela,  
só pra sair, dar um rolê com as donzelas,  
Mas antes do rolê, tenho muito a fazer.  
Tô na FASE, tô aqui pra aprender.

Vida bandida não tem nenhum futuro,  
se os ponta te pegar vão te deixar cheio de furo.  
Mas quem sou eu para falar?  
Fica na sua consciência  
e é sua mãe quem vai chorar.  
Eu não quero isso pra ninguém,

mas eles vem embalado mais pesado do que um trem.  
Parece que esqueceram que estão na FEBEM.  
Tem bandido do mau,  
tem bandido do bem.  
Mas malandro que é malandro  
não faz mal a ninguém.

Tô aqui na FASE,  
só penso em liberdade.  
Sempre sigo em frente com muita humildade.  
Sei que a pena já passou pela metade.  
Sigo firme, não sou nenhum covarde.  
Um dia a liberdade vai chegar,  
orgulho pra minha coroa eu vou ter que dar.  
Estou cansado de vê-la chorar.  
Não quero isso pra ela e nem pros meus familiar.  
A minha meta é voltar para o meu lar.  
Então, o decreto, aqui no dialeto,  
do portão pra fora tem que estar esperto.  
Se não pelos mão branca o chumbo corre reto.  
Minha liberdade dinheiro nenhum paga,  
Queria a vida honesta, queria estar em casa,  
mas nem tudo é um conto de fadas.  
Num sorriso vejo juízo,  
ainda mais da minha mãe  
que tá comigo na boa ou no perigo.  
Mas a verdade é que eu sonho com a liberdade  
e só vejo grades.  
É irredutível acordar todo o dia sem motivo  
pensando num futuro,  
mas o futuro é crítico  
como a corrupção desses político  
que falam que bandido mata,  
mas quem mata são de terno e gravata.  
Na banqueta da minha cela vejo vários indo embora  
e eu aqui privado pensando na minha hora.  
Mas eu sei que pra Deus tudo isso é uma obra.  
Pro safado é faca, bala e um pingo de solda.  
E meu último recado:  
nós tudo peste,  
e eu mando um salve  
lá pra minha banda Zona Leste.